



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio



OS Padres da Rua, padres seculares que somos, avessos que somos também a normas, leis e regulamentos a condicionar a vida, coarctando-lhe a intuição e o improviso, para não falar dos próprios estatutos, a cuja primeira edição Pai Américo se referiu um dia dizendo que nunca os lera, e que os aceitara por imperativo legal, apesar de tudo isto, temos umas Normas de Vida que amamos pois são parte íntima da nossa vida.

Elas são desenvolvidas em dois grandes capítulos, e nelas pontificam alguns pontos integrados num subcapítulo designado «O Espírito», saídos da pena de Pai Américo, qual espelho da sua própria vida.

São vinte e dois esses pontos, pequenos em extensão literária, e que constituem os alicerces fundamentais da vida do Padre da Rua.

Passo a referir-me a eles.

Não fazem parte do horizonte da vida os bens materiais e a família, nem o uso de qualquer sinal exterior que nos distinga dos demais padres diocesanos. O dinamismo da vida brota, não dos ditos meios, mas da paixão por Cristo, a qual dá a firme convicção «que sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível».

A vida é para ser gasta a «revelar ao mundo as incomparáveis riquezas de Cristo», na intimidade e submissão aos Seus conselhos, como se O tivéssemos «visto, ouvido e conhecido na sua vida mortal». Esta é a resposta ao «dom da escolha» que recebemos na fragilidade das nossas misérias.

Mas «para que o mundo veja neles a Luz» aos Padres da Rua não bastam as virtudes pessoais e seus frutos mas, necessariamente, que «a par do espírito que os coloca na primeira Bem-aven-

turança, mergulhe cada um na vida escondida do Mestre» onde estão as «mais virtudes que o fazem crescer em Graça e em santidade».

«Sem Humildade nada». Em tudo o escondimento pessoal para que «a Obra de Deus resplandeça e converta».

«O Evangelho meditado e praticado na vida interior e também na de relação com o seu semelhante, mormente com os Pobres mais caídos e mais abandonados», é a regra que ilumina o serviço aos que «são a sua parte»: «O Rapaz da rua, o Doente incurável, a Família em desgregação».

Vida em pobreza: «Pobres por devoção. O espírito de pobreza é a sua pedra de toque». «A nós compete-nos viver uma pobreza heróica e dolorosa, amada por amor da pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo, de cuja fidelidade depende a suficiência perene das coisas necessárias à vida».

«Sempre que for necessário saiam a mendigar e recebam por amor de Deus, tanto o sim como o não», sabendo que a eficácia da palavra «provém, não deles, mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são».

Os Padres da Rua «são obedientes por devoção. Em primeiro lugar à Igreja. E, por amor desta, ao seu Superior eleito».

«São, por natureza, o Pai de Famílias, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final - a morte». «Sofram até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina: eles são servos de Deus. Por estas dores chega-se mais depressa à contemplação do Homem das Dores, que levou a vida mortal a servir». □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Imprevistos

UMA casa de família, de gente com sangue na guelra, não é um museu de arte moderna e com tudo programado. Altura nem sempre significa tino. Não há espectadores passivos e acontecem imprevistos com frequência.

Durante as refeições, não vem dia ao mundo em que as infusas, ditas picheiras, e os copos não vertam água com movimentos descontrolados. Os garotos enchem-nas na bica até transbordar e as frágeis mãos não as seguram com firmeza. Vale, sim, a intenção de servir bem os sedentos, com restrições para um naipe deles antes do pôr-do-Sol.

Servir às mesas é das primeiras obrigações dos filhos acolhidos entre nós. Porém, às vezes, os aventais descaem até à cintura. Alguns companheiros exigem-lhes que nada falte na sua mesa, nomeadamente repetições. Os vorazes pedem mais conduto e as vasilhas escoam-se depressa. Entretanto, levantar a louça é tarefa para não se fazer à toa. Assim se vai fazendo, com avanços e recuos, uma das aprendizagens para servir a Comunidade.

Não foi por acaso que Jesus deu uma das maiores lições da Sua vida, fora da sinagoga, quando na Ceia derradeira Se levantou da mesa, tomou uma toalha, deitou água numa bacia e lavou os pés aos discípulos, dando-nos assim o exemplo. Culminavam, nesse acontecimento, muitos encontros decisivos com pessoas que O viram e se agarraram a Ele; e o Messias não as despachou... Dá-lhes o Seu tempo: ouve, toca, cura, levanta, alimenta; e caminha a anunciar boas notícias!

Aos enviados do Mestre, quando menos se espera ou o tempo urge, surgem por vezes desvios. Não se trata só de atender e procurar aqueles a quem nos devemos mais de perto.

Certo dia deste Verão, com muitas fomalhas florestais, comunicaram que seria antecipado um

cateterismo de um adolescente, aguardando cirurgia cardíaca. Foi logo apresentado, com o representante legal. Naturalmente assustado, naqueles dias mal abriu a boca; mas, depois desforrou-se, parecendo que engoliu um disco.

Entretanto, nas curvas pelos montes até próximo da sala de hemodinâmica, o trajecto foi dobrado; pois, insistiram para levarmos conforto a uma anciã enferma, com a Unção e o Viático, considerando que não encontraram Presbítero nas redondezas.

Noutra situação delicada, veio alguém por sugestão de médico, considerando que as questões da passagem para a outra vida ultrapassavam o seu acto.

Evidentemente que as emergências, não programadas e específicas do ministério, vêm ao nosso encontro se não nos fecharmos aos outros com uma carapaça. Há encontros sacramentais e conselhos urgentes que não se podem adiar para outro dia. O acolhimento hospitaleiro pode marcar a diferença e desfazer temores.

Uma vez, um indigente nas coisas divinas, que escutava um sábio monge, despedia-se dele assim: — *Perdão pelo tempo que lhe tirei*. E partia ainda mais sereno com esta deixa: — *Fui eu que to dei...* No entanto, é de reconhecer que o tempo tem limites e várias interpelações fúteis perturbam a fidelidade à missão a que se é verdadeiramente chamado.

A vida sacerdotal não é marcada por um superbaptismo. Deus escolhe os que Lhe dizem *sim* para o serviço do Amor — *Amoris officium*, segundo Santo Agostinho. Só Deus basta, é imprescindível, com a coragem e a disponibilidade daqueles que O servem, para o advento do Reino da Justiça, fugindo à tentação de ser o maior. Grandes são os simples!

Aqueles que O seguem não se podem afastar desse dia memorável, antes da Hora da Cruz, em que chamou Amigos para a mesa e atou uma toalha à cintura. Não falte o discernimento para os verdadeiros sinais de encontro com o Senhor! □

PENSAMENTO

Pai Américo

A Caridade vem do Céu. Ela não é de maneira nenhuma o fruto do nosso amor a Deus; é antes o Amor de Quem primeiro nos amou (*prius dilexit*) difundido nos corações da gente.

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PARTILHA — De cartas que nos chegaram nos meses de Junho, Julho e Agosto começamos pela sempre presente Lurdes do Cacém, com os seus “pósinhos” que diz que teve que reduzir “pois a crise está a dar cabo de todos”. Como estes “pequenos pósinhos” são grandes aos olhos de Deus! Do assinante 68570, de Condeixa, um cheque de 50€ “nesta hora difícil da nossa vida, com tudo a subir”. Do assinante 30917, da Trofa, um vale com a “modesta quantia” de 60€ para distribuir entre a assinatura do jornal e a Conferência. Do assinante 59467, de Ponte de Sor, 75€. Do assinante 9790, um vale de 30€. Da assinante 35193, de Gaia, um cheque de 50€ dizendo “que é pouco, mas é dado com boa vontade”. Da assinante 73591, da Praia de Mira, 25 € para pagamento do jornal e para mais “qualquer falta”, com vontade de mandar mais, mas não podendo.

Um bem haja para todos, incluindo os que aqui involuntariamente possamos ter omitido.

Já dissemos e repetimos: como tudo isto é grande aos olhos de Deus que vê tudo o que os olhos humanos não podem, ou não querem ver.

PATRIMÓNIO DOS POBRES — Na ronda que estamos a fazer pelas nossas casas do Património dos Pobres confirma-se que, em todas, o problema principal está nos telhados, causando sérias infiltrações de água quando chove. No final da ronda vamos ver o que será possível fazer e aonde.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058

MOÇAMBIQUE

Félix Luís

Tempo de muita ventania e, por surpresa, uma semana de chuva e frio, ficámos sem energia e sem água quase toda semana. Os nossos electricistas e canalizadores, apesar de todo o esforço, ainda não conseguiram repor a normalidade.

Começámos a colher a nossa batata-reno; vamos vender no mercado local. Todas as semanas, às quatro horas da manhã, vamos à procura dos nossos clientes e Amigos.

O nosso muito obrigado à SERVITRADE pela compra de mil pintos e as respectivas rações para a criação. O que mais queremos, é apoio para o nosso auto-sustento.

O Distrito doou-nos um terreno na estrada de Boane-Matola. Temos de procurar apoio para aproveitar algumas máquinas de carpintaria que não estão a ser utilizadas, para uma pequena estação de prestação de serviços.

A Tia Cármen depois de um tempo de férias e tratamento da saúde, regressa ao nosso meio e com muitas novidades para o nosso artesanato, que alegria vê-la de volta!

Recebemos, do Gabinete da Primeira Dama, duas caixas de tâmaras para a nossa sobremesa. Foi uma alegria no refeitório. Vamos aproveitar todas as sementes para o nosso viveiro. A primeira palmeira começou a dar cachos! □

SETÚBAL

Padre Acílio

Colheitas

O mês de Setembro era chamado, no meu tempo de menino, o mês de S. Miguel. Este nome significava fartura, em sentido popular e, assim, o povo, quando via abundância, dizia: *Aquilo foi um S. Miguel.*

Em Casa, colhem-se as uvas, os figos, as maçãs e, sobretudo, o milho, que a horta fornece, ao longo de todo o ano, um manancial de verdura à cozinha.

O milho para o gado é a maior de todas as messes. O rapaz conduz o potente tractor, accionando o corta-milho e rebocando, simultaneamente, um espaçoso atrelado, ceifando a planta inteira do milho e debulhando, ao mesmo tempo, o grão verde, moendo o carolo da maçaroca.

É uma operação admirável, pela reduzida mão-de-obra empregada e pela rapidez com que enche o enorme atrelado.

Reboque cheio, pára e descansa por uns momentos, pousando

a dianteira num grosso rolo de pinho, desengata do tractor que o arrastou e engancha noutra que o conduz para o silo, onde automaticamente descarrega a mistura de milho com a sua palha verde.

Dois atrelados e dois tractores fazem o serviço. Enquanto um enche, o outro carrega e o silo vai subindo. Aqui, um ou dois rapazes espalham e aconchegam as cargas, cobrindo-as, de camada a camada, com abundantes mãos cheias de sal grosso e, à noite, um forte tractor pisa demoradamente a silagem, para lhe espremer o ar.

Encher um silo demora normalmente duas semanas, mas ele armazena cerca de duzentas toneladas.

Toda esta safra entra subtilmente na alma dos rapazes, pequenos e grandes, em correrias, em brincadeiras e em cabriolas por cima da fofa e fresca camada de milho.

Fazer silagem é uma tarefa que em Casa toda a gente conhece a fundo.

PAÇO DE SOUSA

José Reis

ESCOLA — Durante o tempo das férias alguns rapazes aproveitaram para escolher os cursos que queriam seguir e as respectivas escolas, agora que já estão matriculados e aceites, para a semana já começam a frequentar as aulas.

Os que se encontram no 8º ano, vão entrar no ritmo dos exames, visto que vão ter exames intermédios; um dos nossos rapazes vai fazer melhoria de notas, para aumentar a média, para que no próximo ano possa fazer os exames nacionais e concorrer à Universidade.

Os dois rapazes que estão na Universidade vão para o segundo ano do curso de Comunicação.

Os «Batatinhas» andam no 3.º e 4.º anos do Ensino Básico.

Bom ano escolar para os nossos rapazes, para os rapazes das outras Casas dos Gaiato e para os filhos e netos dos nossos Amigos.

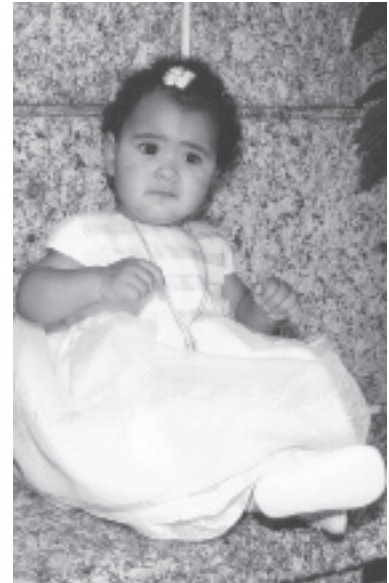
PISCINA E PRAIA — Os nossos rapazes despediram-se da época balnear com o fecho da piscina no fim-de-semana passado.

Com o fim dos turnos na nossa casa de férias foi preciso dar uma limpeza geral e um grupo de dois rapazes juntamente com a D. Irene, a D. Elisa e o «Merendas» foram encarregues dessa tarefa.

OFERTAS — O nosso agradecimento ao *Intermarché* de Penafiel pelos iogurtes que todas as semanas nos dão.

CASA — As nossas sebes já há algum tempo necessitavam de ser aparadas e com a chegada do Paulo «Mudo», de férias, e com a ajuda de alguns rapazes tratou-se dessa pequena/grande tarefa.

Entramos na última semana de férias e a Casa tem aproveitado os



Luana Baldé — neta do Nelo e da Marília.

rapazes ao máximo para rapar as ervas que entretanto nasceram em força e acabar a limpeza da nossa mata. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO — Conforme já foi anunciado, este ano vamos até Coimbra, pois Pai Américo é um grande Sacerdote da Igreja, que foi ordenado nesse Seminário. Assim, o programa é este: 12.00h – Celebração Eucarística, na Igreja de S. José, presidida pelo Sr. Bispo D. Virgílio Antunes; seguida de um convívio aberto e de uma actuação dos Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Todos os Amigos e Amigas estão convidados para este grande dia!

REGRESSO DE FÉRIAS — Vários Rapazes que puderam visitar parentes seus, regressaram todos, pois lá não têm condições para con-

tinuar. Depois, tiveram de se agarrar às tarefas da vida da nossa Casa.

INÍCIO DAS AULAS — O ano lectivo 2012/13 começou a 13 e 14 de Setembro para 28 Rapazes, que frequentam do 1.º ao 9.º ano o Centro Educativo e a Escola EB 2,3 de Miranda do Corvo. No início, uma preocupação é organizar para cada Rapaz a sua mochila, de livros e material escolar. Bom ano lectivo!

MOBILIÁRIO — Fomos à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, da residência dos estudantes, buscar móveis usados para os nossos quartos. Ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração,

fomos carregar cerca de uma centena de cadeiras e mesas, também usadas, para o nosso salão de festas. Bem hajam!

ARRANJOS EXTERIORES — O jardim em frente ao salão de festas está a ser arranjado, com um murete para aumentar o relvado. Uma entrada antiga, na rua Casa do Gaiato, vai ser melhorada.

AGROPECUÁRIA — As tarefas agrárias fazem-nos bem. Na cultura do milho grão, tirámos as folhas de cima para secarem melhor as espigas. Nos vários jardins, cortou-se a relva. Teve de ser derrubada outra palmeira doente, atrás da nossa Escola. □

e insensivelmente ali colhem, há muito que teríamos desanimado.

A França e a Alemanha, com climas mais húmidos que o nosso, e uma organização agrária inteligente e experimentada, produzem leite com muito menos despesa que nós e, assim, põem no nosso mercado os seus excedentes a preços que matam o nosso.

Roseirinha

Veio para a nossa casa com quatro anos. A senhora que lhe deu maternidade, chamava-lhe carinhosamente: O seu *roseirinha*. Ele tem um nome começado por R, que não é familiar das rosas. «É o meu *roseirinha*», ouvi muitas vezes da boca doce, daquela senhora.

Cresceu, uma teimosa e persistente adolescência tem-no impedido de amadurecer.

Durante anos, usou uma horrível cabeleira penteada para a frente e resistente a todas as advertências, e até ameaças. Para

ele, o cabelo era tudo!

Um dia apareceu-me com uma cabeça à homem. Não disse nada, mas alegrei-me.

— *Eh lá, será que o rapaz endireitou?*

Sim, um bocadinho. Sem esforço de maior tem passado e frequenta já o segundo ano da Escola Profissional.

O respeito e o carinho para com aquela que foi aqui a sua mãe, quase morreu, ou pelo menos não se manifesta.

Há dias, apareceu-me de bigode e com uma cercadura de barba pela boca, a terminar numa minúscula pêra.

— *É pá, isso não é para cachopos. Primeiro faz-te homem e depois usa bigode. Um miúdo com bigode, cercadura e pêra, é antinatural.*

O rapaz percebeu e apresentou-se de cara limpa □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

PRESO pela vida desta Casa, com setenta rapazes, não tenho dado, como queria, umas voltas pelo País, a visitar as casas do Património, as famílias a viver de qualquer jeito, sem morada digna, bem como a um Pároco ou outro que ainda se preocupam, graças a Deus, com os mais Pobres.

Após ter lido a carta daquela Presidente da Conferência Vicentina, publicada n' O GAIATO, resolvi aproveitar uma ida obrigada a Coimbra e passar por Figueiró dos Vinhos, onde já havia ajudado a reconstruir várias casas, e visitar a situação descrita pela referida senhora.

Para escapar às pesadas portagens da auto-estrada, e com um gesto insignificante de protesto, em nome de todos os explorados, segui a estrada interior do Ribatejo, passando por Benavente, Almeirim, ao lado da Golegã e de Tomar, direito ao Pontão, onde derivei pela viarápida, que me facilitou agilmente a chegada ao meu destino. Foi nos últimos dias de Agosto, e, tractores já carregados de uva branca, tomate e pimentos, não me estorvaram muito. Deleita-me observar a vida agrícola do Ribatejo, espriar os meus olhos pelas amplas searas loiras do arroz e pelas verdes de tomateiros sarapintados de frutos vermelhos, as longas e bem alinhadas vinhas pujantes,

etc.. Dá-me vida e alegria. Atento à circulação e à estrada, o olhar não me distrai, antes me concentra e me enche.

Esperavam-me três Senhoras e o Pároco. Lá fomos ver a trágica habitação descrita, mas ainda mais lúgubre do que imaginei.

O pai, abandonado pela mulher, mãe dos seus filhos, andava cá fora e recebeu-nos com um ar de vencido. Toda a gente metida em «casa»? Na cozinha onde comem e dormem todos, viam televisão, estirados num escuro, sujo e velho sofá grande, enquanto a nora lavava loiça. Ao lado da habitação, o começo da nova obra parada, de paredes levantadas, onde se projectam os quartos para todos dormirem, com recato, conforto e saúde.

O acabamento do projecto está orçado em 23 mil euros, como foi dito. Deixei nas mãos das senhoras metade com ordem de começar imediatamente para que o Inverno os apanhe já cobertos. Desabafou o pai, que fora chamado à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens por causa do filho mais novo. É pena que os organismos oficiais trabalhem de costas voltadas. Então?! Era difícil adivinhar a causa daqueles males? Porque não puseram mãos à obra, eliminando o mal pela raiz? Não era da sua competência! — Mas

é do saber da caridade cristã. — Aí vamos nós, onde os agentes do Estado não se atrevem. O amor de Deus vence todas as dificuldades.

Levaram-me as três Senhoras a outra casa reconstruída com a ajuda do Património. Que maravilha! Que beleza! Enche a alma.

É uma construção antiga de paredes grossas, feitas com pedra. Estava a cair. O telhado vertia água por todos os cantos. Até as camas se tinham de cobrir com plásticos. O chão, todo roto, obrigava os habitantes a andar com muito cuidado, para não caírem nas antigas lojas dos animais.

Agora, quase tudo novo. Telhado com forro de madeira, placa no chão por cima das lojas, assoalhada a tijoleira, com ar fino. A cozinha enorme, decorada com mesa grande, e paredes guarnecidas de azulejo. Sala, com uns sofás claros e bonitos que acharam num pinhal, dois quartos, um para os pais e outro para as filhas.

As meninas, já jovens, apresentaram-se com um ar delicado e humilde, contando-me como era antes a sua casa, e rejubilando no brilho dos olhos, o seu presente bem-estar. O único ganha-pão é o pai, que trabalha no concelho vizinho, numa recauchutagem de pneus, com salário mínimo. Nunca poderiam arranjar a casa. A mãe, uma mulheira, chorava por não ter trabalho.

— *Vocês não cultivam? Não*

arranjam um pouco de terra?

A aldeia assenta na encosta de um monte, rodeado de arvoredo, onde minguia a terra arável. Tudo é pedra e mato. Mas ainda há uns bocadinhos no fundo do vale.

— *Ó Padre não vale a pena. A gente semeia as couves, os feijões ou as cenouras, mas os porcos do mato dão cabo de tudo. Comem, espezinham e estragam.*

— *Mas são assim tantos?* — Perguntei.

— *Oh, se são?! E é proibido matá-los. Uma vez por ano há uma batida ao javali, mas eles são cada vez mais. Não vale a pena.*

E a senhora chorava.

— *Quem me dera trabalhar!*

Pela limpeza da casa, pelo aprumo das filhas, pela consideração das vizinhas, senti que estava diante de uma grande mulher.

Os pobres são sempre explorados, até nisto, para que os Senhores se possam divertir e caçar. Quem faz estas leis, devia mandar proteger as colheitas dos pobres, cercando-as ou permitindo que em áreas de cultivo, os javalis pudessem ser caçados em qualquer altura do ano. Não é justo. Se eu fosse pastor desta gente, gritaria às armas, contra tão inadaptável lei.

Era noite, as Senhoras pediram-me por tudo que jantasse com elas! Não aceitei, embora me custasse muito. Elas mereciam a minha companhia, mas outros a queriam com mais

veemência, e fui comer na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, onde o Padre Manuel me recebeu com simplicidade e fraterna fidalguia.

No dia seguinte, reunião de Curso, com celebração da Eucaristia, na terra natal do Padre Saul Teixeira e almoço em Condeixa.

Voltei para o Sul, pela estrada nacional. Meu Deus! Encontrei uma bicha pegada, de automóveis e camiões para lá e para cá, todo o santo caminho. Só se podia ultrapassar, e mal, quando se perfilavam duas faixas de rodagem no mesmo sentido.

Toda a gente foge da auto-estrada.

Mas, para que se fizeram tantas auto-estradas, se o seu preço se tornou incomportável e estão às moscas?

Não é isto um prejuízo nacional? Para quê tanta canseira e tanto sofrimento?

Não seria mais inteligente baixar o preço das portagens para ganhar maior clientela e todos beneficiarmos?

Os Pobres, os que trabalham, mereciam ser favorecidos com tão cómodas vias de comunicação e são arredados pelo seu exagerado custo.

Perde o Estado, perde o Povo, os trabalhadores são sacrificados e ninguém aproveita.

O Património partilha deste suplício e grita para que se faça luz e ele termine. É não só uma atitude de bondade, como também de lucidez. □

ENCONTROS DE FAMÍLIA

Padre João

HÁ quinze dias na Igreja paroquial de Trouxemil foi baptizado da Joana, filha do Bruno e da Jacinta e neta do nosso Zé Domingos e da Lídia que vivem na Figueira da Foz. Foram padrinhos os tios, Diogo e a irmã da Jacinta. Felizes que estavam os pais e os avós da menina...! A celebração foi participada pela Comunidade Cristã local. Era um Domingo, Dia do Senhor! Nada mais indicado para o *renascimento baptismal*. Também oportuno para testemunhar o espírito de família cristã sobre o qual deve assentar a educação nas Casas do Gaiato.

A alegria desta festa baptismal e dominical prolongou-se pela tarde em fora, num belo recanto turístico, algures nos arredores de Coimbra, onde a família toda se voltou a reunir em convívio alegre e são.

Em Trouxemil têm a sua casa, uma belíssima construção, comprada em “tosco” adaptada agora segundo as necessidades da família. O Bruno e a esposa são licenciados em enfermagem e fazem parte da equipa de um cirurgião de renome desta cidade de Coimbra, nos Hospitais da Universidade.

Que a Joana encontre sempre nos pais, tios e avós o carinho de que vai precisar para a harmonia precisa da alma e do corpo.

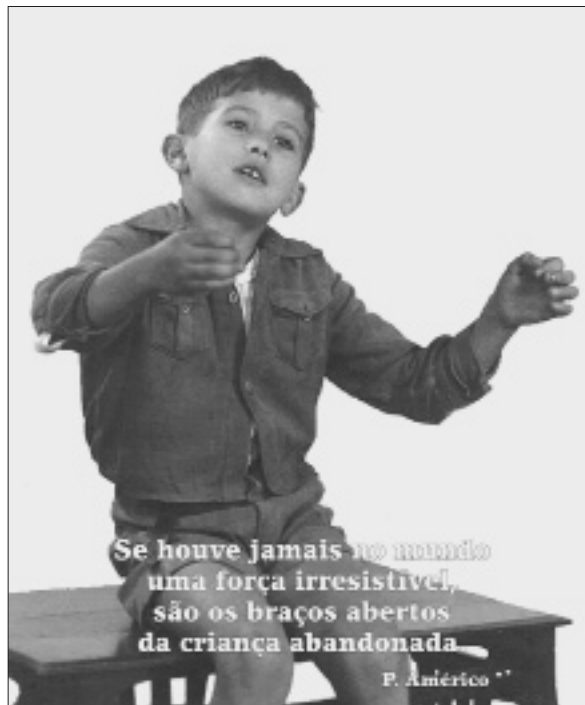
Em outro Domingo — este foi outro encontro de família mais a Norte, em Mouronho-Tábua — o Elísio e a esposa decidiram reunir, também, a família, para se encontrarem, aproveitando as férias do Filipe, emigrado em França. Um almoço muito familiar num “quartinho”, que foi do Filipe agora transformado em sala de refeição, como a Glória não se cansa de enfatizar. Os pais, os filhos, as noras e os netos e... eu. Todos bem juntinhos, alegres e felizes — nada há que se aproxime tanto de Deus, como o amor da família.

O almoço era todo “familiar” também... Tudo da horta e das “cortes” dos animais da casa agrícola que o Elísio e a esposa diariamente mantêm.

No início da refeição a oração de bênção pelos dons recebidos da mão amorosa de Deus Pai, que oferece aos seus filhos. Um testemunho que os mais pequeninos bebem com os olhos embevecidos: A Vanessa, o Diogo, o Telmo e a Luciana — *Abençoai Senhor esta refeição...*

No fim o «Glória ao Pai...», ao que o filho mais novo se apressa acrescentar, ingénua e graciosamente: «e à nossa mãe que é uma Glória de todos nós!»... Bem ajustado, meditei comigo próprio e Deus certamente também. □

POSTAIS – COLECÇÃO «PENSAMENTOS» DE PAI AMÉRICO...



Se houve jamais no mundo
uma força irresistível,
são os braços abertos
da criança abandonada

P. Américo

No ano comemorativo dos 125 anos do nascimento de Pai Américo, elaborámos dois grupos de postais coloridos que designámos por: *Colecção «Pensamentos» de Pai Américo – Comemorativa dos 125 anos do seu nascimento*, para assinalar o evento. Este — o Quim Mau na pose que o perpetua como *ex-libris* da Obra da Rua — tem o formato de 145x105 mm, foi impressa em cartolina Brindakote; a colecção é constituída por 56 pensamentos e fotografias das nossas Casas, devidamente referenciadas no verso, onde consta, também, o respectivo espaço para o endereçamento CTT e escrita de pequena mensagem.

A colecção em formato 114x166 mm (postal dobrado ao meio), reserva o interior à escrita, sendo o rosto composto pela fotografia e o contra-rostro pelo *Pensamento*. Foi impressa em cartolina *Truncard* com brilho. É formada por 8 pensamentos.

Os pedidos devem ser dirigidos à nossa Editorial da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa; através do telefone 255 752 285; por e-mail: obradarua@iol.pt; e ainda pelo nosso *site* www.obradarua.org.pt — assim como os pedidos de trabalhos tipográficos que os nossos Amigos queiram mandar fazer, para os quais elaboraremos o nosso melhor orçamento.

Júlio A. B. Fernandes

SINAIS

Padre Telmo

A voragem dos carros e ilusão da cidade arrancaram duas aldeias que eram felizes ao lado das suas lavras e fontes.

Vieram viver para junto da estrada — onde, o movimento e transporte fácil.

O grupo de cristãos, com o seu catequista, vieram também. Construíram sua capela bem no meio: Cavaram terra, amassaram com água, fizeram adobes, o sol secou-os e ergueram as paredes. Da capela antiga trouxeram vigas, barrotes e chapas. O altar é um bloco de adobes rebocado com barro.

Nele celebrei hoje a santa Missa. Foi a primeira.

É o mesmo Senhor que preside nas grandes catedrais e agora, aqui, na nossa humilde casinha de terra batida. São poucos os cristãos.

— E se houver só dez justos na cidade, vais destruí-la?

— Não a destruirei.

Disse ao pequeno grupo que o Senhor nos ama muito. Tem um grande amor a cada um. Sabe o nosso nome. Também ama todos os outros. Maravilhoso!

As chapas estão esburacadas. Quando cair a chuva — serão pingos de luz!

O contentor que preparamos já foi cheio e despachado. Júlio telefonou, eufórico, a dizer que a BIBAC — polícia angolana que controla — foi muito simpática e nos ajudou. É um alegria para nós o sermos compreendidos e ajudados para o bem das nossas crianças.

Para todos os amigos que nos deram ajuda, a bênção do Senhor. A nossa gratidão à Casa de Paço de Sousa, que nos pagou todas as facturas e à de Setúbal a ajuda com roupas, atum e as peças do tractor.

Será o último contentor, pois já temos tudo no mercado de Angola.

Encontrei o Sambumba mais calmo, já não diz palavrões, nem tira a camisa para lutar.

O pesadelo mais tranquilo, só que precisa um *sambapito* de vez em quando. O mais pequenino — o Nogueira — quando o jantar é funge, depois da sua pratada, encosta a cabecinha à mesa e entra no reino do sono.

O «Carianga» não está com meias medidas, pega nele ao ombro e vai deitá-lo. Pouco maior é... Mas um jacto de genica.

Hoje o chefe-maioral, não tem pressa de levantar. Anda com papel e lápis, de mesa em mesa, apontando os que faltaram ao jantar.

Vai chamá-los à pedra e, talvez, repreendê-los. O que fariam os pais.

Somos família. □

MALANJE

Padre Rafael

«Também tu te queres ir embora?»

TODAS as quintas-feiras, à tarde, brincavam com os meninos do bairros. Era toda uma semana de preparativos: vestuário, dinâmicas, livros... Era como fazer da rua um parque onde se podia aprender e se divertir; contudo, como sempre, as actividades têm um fim e a rua voltava a converter-se numa pequena selva urbana.

Num desses dias, aproximou-se uma menina e perguntou a um dos palhaços: «Também tu te queres ir embora?» Realmente naquele dia ele não queria ir-se, mas o seu trabalho obrigou-o a desmaquilhar-se e a regressar ao escritório. Porém antes de partir, respondeu à pequenita dizendo: «Hoje, vou, mas, um dia, voltarei para ficar».

Não era a primeira vez que escutava esta frase, ou outras parecidas, mas, naquele dia, ela repetiu-se dentro de si como um eco entre as montanhas, como a brisa sussurrando ao mar, como a neve acariciando a chegada do Inverno... repetia-se em si, sem cessar.

Dizem que há palavras que são espírito e vida... devem ser como as que escuto do meu amigo palhaço. Palavras que ressoam mais dentro do que fora e que nos fazem saborear um tipo de vida que nos parece nunca terminar. Palavras sensíveis, que nos desnudam mas não nos envergonham. Palavras que nos libertam num instante de tudo quanto nos escraviza.

Em poucos meses abandonou o seu trabalho e dedicou-se a ser palhaço. Toda a gente lhe dizia que

isso era uma palhaçada. Mas ele não se importava e retorquia: — *Há quem faça palhaçadas ou se porte como um palhaço, mas palhaços originais só somos nós quatro, e a guitarra.* Para ele, ser palhaço havia-se convertido num modo de vida.

Gostava tanto que o conhecessem. Por exemplo, tu contas-lhe um problema que para ti mesmo é muito importante, ele escuta-te como se estivesse a passar pelo mesmo. Tu contas-lhe algo divertido e ele não deixa de te sorrir. Tu dizes-lhe que estás cansado, ele estende-te a mão e dá-te um abraço... Há pessoas que dizem tanto sem dizer nada.

A última vez que o vi, disse-lhe que também eu gostaria de viver como um palhaço; e ele disse-me que não era a mesma coisa fazer de palhaço uma profissão ou viver como palhaço. E explicou-me que os palhaços são como um espelho onde cada pessoa tem a oportunidade de rir-se de si mesmo, de ver o seu interior sem sentir medo e que cura as suas feridas com a medicina do humor e do amor.

As últimas notícias que tenho dele, é que anda pelo mundo a dar um curso intitulado: «Alguma vez sonhaste ser palhaço?» Este curso é gratuito e, geralmente, recebe as pessoas sem prévio aviso — realmente ele não é difícil de encontrar, porque não usa maquilhagem e não se veste como os palhaços, tal como os vemos...

Dedicado ao meu amigo Ufi, a todos os palhaços do mundo e àquele que nunca pode ser. □

BENGUELA

Padre Manuel António

UMA empresa, muito amiga da nossa Casa do Gaiato de Benguela, quis oferecer, há vários anos, alguns computadores. A finalidade era uma ajuda na preparação dos nossos rapazes. No contacto com as novas tecnologias, abria-se mais uma porta para o seu futuro de cidadãos preparados. Foi muito interessante essa atitude. A eficiência da oferta manifestou-se, de imediato, com duas equipas de formadores. Entre os alunos a formar também fui incluído, porque já não haveria lugar para a máquina de escrever, no escritório. O computador e a impressora ocupariam o seu lugar. A amizade e o interesse de ajudar eram tão grandes que mais pareciam uma obrigação a cumprir. Aconteceu, há vários anos.

Partilho convosco esta boa nova, porque está a decorrer, neste momento, o 11º curso de informática, na sala respectiva. Os monitores são rapazes da nossa Casa. Colaboram, deste modo, na preparação dos seus irmãos para a vida presente e futura. Uma das vertentes muito bonitas desta actividade está, precisamente, neste ponto. São os rapazes, já formados com o seu curso, que ajudam os seus irmãos a formar-se, também. O nosso muito querido José Luís é a pedra preciosa que está no alicerce. Maravilha! Quem dera seja assim no seio das famílias, em que todos os membros partilham os seus dons, contribuindo, deste modo, para o enriquecimento humano do conjunto. A beleza e a grandeza da

vida humana está, precisamente, na partilha com os outros dos bens que possuímos. O nosso crescimento será tanto mais verdadeiro, na medida em que distribuímos cada vez melhor. Este princípio, assim podemos dizer, tem uma aplicação pessoal e uma dimensão social. Poderemos falar num país desenvolvido, por exemplo, pelo facto de ter muita riqueza que não circula na vida da população? Uma pessoa ou uma família será verdadeiramente feliz, quando vive dominada pelo egoísmo e a indiferença, perante os outros, seus irmãos? Onde está a felicidade e a realização pessoal de alguém? Na fecundidade da sua vida, gerando corações felizes, com a doação do seu ser e dos seus bens, até onde for capaz. Também aqui, podemos dizer que a experiência de cada um é a verdadeira mestra da vida. Recebemos, há dias, esta mensagem: «Vivo em Portugal e gostava de saber como podia mandar bens materiais para a Casa do Gaiato. Sei que estão com algumas dificuldades e, se fosse possível ajudar, estava disposta». Já respondemos à Boa Amiga Inês Queirós. O seu coração está inquieto. Busca a paz e a alegria. Estas duas irmãs gémeas têm uma única morada: O coração cheio de Amor. A mesma vivência é sentida pelo nosso querido e Bom Amigo Alberto Fontes.

Está muito vivo o problema daquela mãe que, há sete anos, gerou três filhos no seu ventre. Um morreu, pouco tempo depois.

Ficaram os outros dois, abandonados pelo pai, confiados à mãe que vive na miséria. Vamos recebê-los na nossa família. Queremos ajudá-los a ser homens e cidadãos normais na sociedade em que vivemos. É um direito que todo o filho tem. A que corresponde um dever que, neste caso concreto, é de cada um de nós. Por isso, coloco estes filhos no vosso coração, de mãos dadas com o nosso. A profundidade da nossa pessoa, a que chamamos coração, pode ser cheia e feliz, portanto, na medida em que partilhamos a humanidade dos que mais precisam de nós.

Recomeçaram, hoje mesmo, as aulas, depois da longa pausa pedagógica, motivada pelo período das eleições gerais. O tempo da escola é determinante na vida dos filhos. Daí, a importância que lhe deve ser dada. Consideramos a escola como irmã gémea do refeitório. Este é imprescindível para o estômago. Aquela para a inteligência. É o homem todo que está em causa, com o complemento substancial da dimensão transcendente, para além deste mundo. Vamos ajudar Angola a crescer mais em cada um dos seus filhos, de tal modo que os mais abandonados sejam acolhidos com muito amor e se salvem.

Para terminar estas Notas partilho convosco a visita que *Miss Universo* fez à nossa Casa do Gaiato, trazendo-nos o seu coração cheio de amor e carinho. Está aqui o reflexo da beleza e grandeza dum pessoa. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

DESDE o ano passado ansiava visitar as igrejas portuguesas da África do Sul. Tinha ido à de Mayfair, conhecida por Santo António dos Portugueses, entregue ao P. Lemos dos missionários Vicentinos, de arquitectura marcada por símbolos portugueses, com a Fé dos madeirenses. Em toda a África do Sul são mais de quatrocentos mil. Padre Lemos, com mais alma que corpo e mais de trinta anos em Moçambique. Conserva o cunho missionário. Tudo o que seja para cá enche o seu coração e vai tecendo elos, com ajudas para nós.

Passei na primeira oportunidade, pela Academia do Bacalhau, que se reúne às quintas-feiras. É a Academia-mãe, donde nasceram as cinquenta e quatro espalhadas por todo o mundo para celebrar saudades de Portugal e manter a língua viva, fora dos seus negócios e indústrias. Deve ter sido ali que Fernando Pessoa aprendeu que «a minha Pátria é a minha língua». Muitos nunca mais voltaram a Portugal ou já nem têm ligações familiares. São amigos já conhecidos, que na chegada a Moçambique nos apoiaram na construção do pavilhão das nossas oficinas e aqui a Academia, desde a primeira hora, tem apadrinhado os nossos rapazes e socorrido algumas necessidades.

Demorou meses a acertar data para ir a Benoni, à igreja de Nossa Senhora de Fátima e a mais duas outras ainda distantes onde as comunidades portuguesas se reúnem. Aqui é Padre Carlos Gabriel da Boa Nova que tomou a peito a defesa dos portugueses em horas adversas e com uma vivacidade incrível mantém o dinamismo da Fé. Aberto ao ecumenismo, tinha havido na véspera um casamento hindú no salão de festas. No sábado houve duas celebrações, no Domingo mais três. Foi uma corrida, para cumprir horários marcados, pois a última era às dez e a primeira às sete, com distâncias longas embora por belíssimas estradas. P. Carlos Gabriel, com uma organização impecável e uma pastoral aprimorada, tinha prevenido os seus na semana anterior, mas a afluência não foi grande. Muitos são agricultores ou criadores de gado e vivem longe. Nas festas são multidão. No fim de contas passou dos três mil euros. Fiquei três dias em casa da família Martins, como de outras vezes, a quem muito devemos em trabalhos, donativos, atenções e mimos, na casa do Américo, filho do Manuel Pedreiro ou *Padre Américo*, como era conhecido. Fui conhecer os filhos quase homens que só vi em pequeninos. Fiquei na casa da Paróquia de Benoni, certamente porque a D. Fernanda Brás, tão nossa amiga, já não vive ali e os filhos estão dispersos pelo mundo. Conheci quem já sentia connosco.

Valeu a pena, embora muito me custasse sair de Casa. Muito desanimado com as voltas na cidade desde Junho sem respostas de suporte para a sobrevivência. Tínhamos problemas graves com a energia. Quase há duas semanas que vinha e desaparecia. Queimaram-se cabos subterrâneos, tetrapolares, lâmpadas e balastos. Paralisaram as oficinas, as câmaras frigoríficas e a bombagem dos furos de água para Casa e as hortas. Nem banhos nem roupa lavada. Mas foi uma semana de chuva e frio que veio amenizar o problema. Tivesse acontecido na semana anterior, nem a equipa de dentistas do nosso Dr. Manuel Hoyos teria acabado o seu trabalho. A Irmã Quitéria teve de desdobrar os seus trabalhos, mais a Maria José. Até na Celebração do Dia do Senhor, por não ter conseguido quem me substituísse, foi ela que fez a Celebração da Palavra. Muito criativa como só uma mãe e professora será capaz de fazer.

Tinha levado no meu coração, ao partir, aquela passagem de um canto do Livro das Horas: «*porque Ele está connosco, nesta hora de violência, pensemos que Ele vive, fala e sente em quem padece*». Tanta luz para pensar. Tanta força para sair daqui, e tanta violência para o recado que levava e tanto conforto para as horas duras que temos vivido. Verdadeiramente eu não era eu, apenas, como dizia o Pai Américo, um *Recoveiro dos Pobres*.

A nossa conta na África do Sul: Casa do Gaiato Charity Boksburg Branch (450142) n.º 4500203486. □

125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO

(Galegos - Penafiel, 23-10-1887)

COMEMORAÇÃO EM COIMBRA

21 de Outubro de 2012 – Domingo

12.00h – Celebração Eucarística, na Igreja de S. José, em Coimbra, presidida pelo Sr. Bispo D. Virgílio Antunes.

13.00h – Convívio aberto, no salão paroquial.

14.00h – Actuação dos Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo □